

Carlos Paulino | Menongue

Cuito Cuanavale entrou para a História. Há 31 anos, no dia 23 de Março, travava-se, naquela localidade a derradeira batalha que derrubou o poderoso Exército sul-africano e precipitou a queda do regime do apartheid, na África do Sul.

O tempo passou, mas a imagem do local ainda ajuda a reconstituir aquela que é hoje considerada a batalha para a libertação dos países da África Austral. Além do memorial construído em honra dos heróis, os sinais da batalha podem ser observados no museu a céu aberto onde se encontram expostas as armas de diversos calibres usadas pelas extintas FAPLA, incluindo aviões de combate, os três tanques do tipo Olifante e Ceunturion capturados ao exército Sul-africano, o Aeroporto 23 de Março, a ponte sobre o rio Cuíto, o Bairro Samaria e o Triângulo do Tumpo que constituem os principais atractivos do cenário de guerra.

Para transformar o Cuito Cuanavale numa verdadeira cidade da África Austral, estão previstos vários projectos sociais. Novas áreas habitacionais, escolas, hospitais, parque temático, zonas de lazer, jardins ecológicos, parques florestais, entre outros, vão, no futuro, servir de atracção turística.

A última batalha

O avanço das tropas do Samaria até o rio Tchambinga, a 30 quilómetros da sede municipal do Cuito Cuanavale, processa-se em poucas horas e as primeiras unidades avançadas da UNITA entram em desespero. Sofrem pesadas baixas e o material bélico é capturado.

A aviação sul-africana entra em cena, para impedir o avanço das forças governamentais. Com voos rasantes, procuram encetar golpes demolidores às posições das FAPLA. Mas a resposta é a altura. Face ao poder de fogo das ZU-23 instaladas em pontos-chaves, a aviação inimiga é forçada a subir de altitude. E ficam a mercê dos OSAKA e dos C-10.

De Junho a Outubro, a defesa anti-aérea das FAPLA já tinha derrubado 32 aeronaves do tipo Impala MK2, Mirage III e um grande número de aviões não tripulados (drones).

O Comando Superior do regime do apartheid fica abalado com a superioridade das FAPLA. A derrota sul-africana custa o cargo do responsável pela Força Aérea.

Até às margens do rio Lomba, a escassa 21 quilómetros da sede municipal de Mavinga, as FAPLA causam grandes prejuízos à UNITA e ao Exército do regime do apartheid. Estes enviam, para o teatro das operações combativas, o todo-poderoso Batalhão Búfalo 32. Equipado com tecnologia de última geração, o batalhão encontrava-se estacionado na localidade do Rundu, na Namíbia. A situação complica-se. Num curto espaço de tempo, a 47ª



■ CHEFES DE ESTADO AFRICANOS ASSISTEM ÀS CELEBRAÇÕES DO 23 DE MARÇO

A Batalha que libertou a região e precipitou a queda do apartheid

brigada de desembarque e assalto, que detinha a maior parte do arsenal das FAPLA, é atacada e desalojada da nascente do rio Lomba, para onde tinha sido destacada para garantir a segurança das outras brigadas, durante a travessia do rio Lomba.

Face ao novo cenário, as FAPLA abrandam a ofensiva. Há um atraso no reabastecimento das tropas. De modo organizado, estas começam a retroceder até ao redor da vila do Cuito Cuanavale, num percurso de mais de 160 quilómetros, onde se travam verdadeiras batalhas campais.

As FAPLA defendem como podem. É preciso racionalizar os meios, para

evitar danos maiores. O comandante do primeiro agrupamento, o tenente-coronel Ngueto, conhecedor da situação, conduz o efectivo até perto da vila do Cuito Cuanavale, onde no dia 23 de Março se dá a batalha final.

■
De Junho a Outubro, a defesa anti-aérea das FAPLA já tinha derrubado perto de 32 aeronaves do tipo Impala MK2, Mirage III e um grande número de aviões não tripulados (drones). O Comando Superior do regime do apartheid fica abalado com a superioridade das FAPLA. A derrota custa o cargo do responsável pela força aérea

O assalto à Jamba

O material chegava ao Cuando Cubango através do Aeroporto Comandante “Kwenha”, na cidade de Menongue. São aeronaves do tipo IL-76, ANTOV-12, 32 e 26, transportando tan-

ques do tipo BMP-1 e 2, T-55, lança foguetes anti-aéreos OSAKA e C-10, víveres e os lança foguetes múltiplos BM-21, para a mega operação.

Uma placa fixada no local lembra: “Quando Cubango, só há entrada, não há saída”. Mas nem mesmo estas expressões fantasmagóricas abalam a determinação da tropa, no cumprimento da missão de defender a Independência Nacional, os órgãos de soberania e a população indefesa.

Em curto tempo, cria-se o primeiro agrupamento de tropas chefiada pelo tenente-coronel Ngueto, integrada pela 16ª e 21ª Brigada e pelo 1º Grupo táctico, e a segunda, chefiada pelo major Tobias Domingos e

integrada pela 47ª e 59ª brigada e pelo segundo Grupo Táctico. Outras unidades, designadamente a 25ª brigada a 8ª, a 66ª e a 13ª, tinham como missão manter o cordão defensivo da vila do Cuito Cuanavale e garantir o reabastecimento das tropas em progressão para a Jamba e a circulação de pessoas e bens, ao longo do troço rodoviário entre Cuito Cuanavale e a cidade de Menongue.

As operações aéreas estavam a cargo da 52ª Brigada de foguetes OSAKA e da 24ª Brigada de foguetes Petchora. A 68ª brigada era detentora de canhões de artilharia de médio alcance, onde se destacavam os canhões de 130 milímetros e D-30, bem como os conhecidos lança foguetes múltiplos, BM-21, de 40 canos.

Dois dias depois, a localidade de Cambumbe e Cuatir, periferia de Menongue, estava apinhada de tropas e técnica militar. Os comandantes de Brigada e de Batalhão recebem as últimas orientações do Comandante-em-chefe das FAPLA. Estes dizem-se prontos para o confronto para tomar de assalto a Jamba.

De Menongue ao Cuito Cuanavale

Fazendo jus à ambição desmedida segundo a qual “Menongue, ponto de partida e Luanda, ponto de chegada”, Jonas Savimbi, entrenchado nas matas da Jamba, faz um pomposo discurso, atribuindo a proeza aos seus guerrilheiros. Manda até publicar uma revista ilustrando os actos terroristas.

Uma coluna de veículos de civis, transportando vários derivados de petróleo é bombardeada pela aviação sul-africana, provocando a morte dos seus ocupantes e a destruição de 25 camiões cisternas de gasolina, gasóleo, GET-A1, entre outros lubrificantes que tinham como destino a vila do Cuito Cuanavale, para suportar a operação.

Até à sede do Cuito Cuanavale, as forças governamentais marcharam sem constrangimentos para pequena povoação de Samaria, apesar de pequenas bolsas da UNITA espalhadas em toda a extensão dos 188 quilómetros que o separa de Menongue. Estava em marcha a operação “Saúdemos Outubro”.

O comandante da 6ª Região Militar na altura, o coronel Francisco Deolindo da Rosa “Facho”, desloca-se ao bairro Samaria, onde está o grosso do efectivo das FAPLA. O objectivo é transmitir as últimas orientações do Comandante-em-chefe, José Eduardo dos Santos. De regresso, um atentado fracassado. A ponte sobre o rio Cuito é parcialmente destruída. A acção, protagonizada por dois “homens anfíbios” do Exército sul-africano, tinha como missão retardar a travessia das tropas angolanas e da técnica militar que seria usada no assalto à Jamba, passando por Mavinga. Os atacantes viriam a ser mortos um dia depois, por caçadores, e os equipamentos capturados.

CARLOS PAULINO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Superioridade sul-africana

Para ajudar a compreender melhor o espírito heróico das FAPLA, Pedro Camelo avança alguns dados: o Exército sul-africano tinha 11 mil homens, devidamente preparados, com realce para os Comandos Búfalo. Tinham ainda 36 tanques de guerra M41, 70 blindados, 200 veículos para o transporte das tropas, artilharias com canhões G-5 e G-6 de 155 milímetros, mísseis terra-a-terra de 127 milímetros, 90 helicópteros e aviões convencionais de combate. Depois, recebeu um reforço de 23 batalhões semi-regulares e 18 regulares, entre os comandos das extintas Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA), braço armado da UNITA.

Além desta superioridade em termo de armamentos, os sul-africanos tinham, também, a seu favor, um centro de correção de fogo, equipado com tecnologia de ponta, a partir do qual podiam monitorizar facilmente, com ajuda de um satélite, a movimentação da população e das FAPLA.

Mas todo o arsenal foi pouco para travar a grande bravura das FAPLA, que suplantaram a infantaria sul-africana, mais fraca em relação a das FAPLA. Para piorar, os aviões, onde residia a supremacia militar sul-africana, começaram a ser, também, abatidos pela Força Aérea Nacional.

“Nem mesmo a Força Aérea da África do Sul, cotada como das melhores do mundo, naquela altura, e com as armas sofisticadas da época, conseguiram derrotar as FAPLA, que defenderam com unhas e dentes o território angolano, sob

CARLOS PAULINO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Pedro Camelo

a liderança do então Comandante-em-chefe das FAPLA e Presidente da República, José Eduardo dos Santos”, disse Pedro Camelo.

O oficial superior lembra que os soldados sul-africanos, que fugiram em debandada no dia 23 de Março, escreveram nas paredes das casas onde pernoitaram, na Namíbia, que haviam fugido do inferno. “Hoje podemos afirmar, categoricamente, que o Cuito Cuanavale foi a nossa universidade de guerra, porque para vencermos o inimigo muito superior a nós, tivemos de usar táticas militares que só se aprendem nas grandes universidades internacionais”, enfatizou.

Cuito Cuanavale abriu o caminho para a libertação da Namíbia, a abolição do regime segregacionista na África do Sul, a libertação de Nelson Mandela, o continente africano entrou no ponto de não retorno e o mundo ficou livre de um regime que foi o mais hediondo crime que alguma vez foi cometido contra a humanidade.

Para Pedro Camelo, falar do papel e lugar histórico da Batalha do Cuito Cuanavale, implica, necessa-

riamente, “recuar no espaço e no tempo”. Lembra que é, também, resultado da definição do Presidente António Agostinho Neto, de que, um dos deveres indeclináveis, de solidariedade e de internacionalismo, era de Angola lutar para a independência da Namíbia e o fim do apartheid na África do Sul. “Isto sustenta as palavras do saudoso presidente da República, António Agostinho Neto, de que no Zimbábue, na Namíbia e na África do Sul estava a continuação da nossa luta”, disse.

Solidariedade cubana

À conquista da Batalha do Cuito Cuanavale também contribuíram as tropas cubanas que surgiram em auxílio às FAPLA. Chegaram ao teatro de guerra em Janeiro de 1988, inicialmente com 121 homens. Nas semanas seguintes, o número ultrapassou os mil. No combate, 32 cubanos perderam a vida ao longo do mês de Fevereiro de 1988, além de vários feridos graves. Enquadradas num grupo tático composto por unidades de infantaria de tanques e artilharias, parte das forças cubanas participaram até final de Fevereiro em acções a Este do rio Cuito, nomeadamente no memorável combate de tanques, no Chaminga, no dia 15 do mesmo mês, entre a 21ª e 59ª Brigada das FAPLA e o Exército sul-africano. Foi um dos combates mais violentos ao longo da Batalha do Cuito Cuanavale. No combate, as FAPLA perderam 17 tanques e 18 veículos, além de muitos efectivos. Dos sete tanques cubanos, apenas um regressou à base.

Os outros foram todos destruídos. “Os cubanos tiveram uma prestação fora do comum, uma vez que sacrificaram a sua vida em prol da defesa e integridade territorial de Angola e conseguiram dar uma mais-valia as FAPLA para a conquista da batalha”, disse e destaca que, quando se abordar a Batalha do Cuito Cuanavale, não se deve esquecer o importante papel desempenhado pelas tropas cubanas em diferentes fases de combates e operações.

Universidade de guerra

Pedro Camelo foi o chefe da esfera ideológica do Departamento de organização partidária da Direcção Política da 6ª Região Militar. Conhece como poucos o que se passou no Cuito Cuanavale, desde 15 de Novembro de 1987 a 23 de Março de 1988, no dia da libertação. Por isso, é presença habitual em palestras.

Para o oficial superior, a Batalha do Cuito Cuanavale, que resultou da Operação “Saude mos Outubro”, foi uma verdadeira universidade de guerra para as FAPLA, tendo em conta as táticas usadas para derrotar o Exército sul-africano, detentores de armamento sofisticado, incluindo aviões teleguiados carregados com bombas inteligentes. Desta vez, a plateia é integrada por estudantes universitários do Instituto Superior Politécnico Privado de Menongue (ISPPM). Pedro Camelo fala da maior operação realizada pelas FAPLA, que acabou com a invencibilidade das tropas sul-africanas e a queda do regime do apartheid.

Um Memorial à vitória

Construída numa área de 3,5 campos de futebol, o Memorial à vitória da Batalha do Cuito Cuanavale serve, hoje, para eternizar a grandeza e o sacrifício dos milhares de angolanos que lutaram contra as tropas do regime do apartheid.

Além da importante obra arquitectónica e exaltação dos valores patrióticos, a construção assentou, fundamentalmente, na divulgação da verdadeira História para as novas e futuras gerações.

A imponente estrutura agrupa-se entre outro elemento: um conjunto de escultórico na praça memorial, designadamente o Monumento dos soldados, Bandeira da República, Grupo escultórico e a Parede dos Heróis.

Logo à entrada do município, salta à vista o Monumento da Bandeira, postada num edifício com 55 metros de altura e mil metros quadrados de área útil, revestido de pedras graníticas e elementos em bronze caracterizada por uma arma do tipo AKM, que, a partir da alça de mira, o visitante pode observar com nitidez o Triângulo do Tumpo, último reduto onde se desenrolaram encarniçados combates.

O edifício, equivalente a um prédio de 18 andares, além da arma envolvida pela bandeira com o miradouro apontado ao triângulo do Tumpo, conta também com o Monumento do Soldado, retratado por uma escultura em bronze, no qual dois militares das FAPLA, numa estátua de 21,5 metros de altura e 110 toneladas de peso, erguem bem alto o Mapa de Angola. Simboliza a defesa da integridade territorial do país.

No conjunto escultórico, feito também de bronze, num espaço de 50 metros de comprimento, estão igualmente gravados os três momentos sequenciais da Batalha do Cuito Cuanavale: concentração das unidades militares das FAPLA, caminhada rumo à vitória e as unidades em defesa da vila, fracassada a tentativa

de ocupação de Mavinga e Jamba, que eram os principais alvos, na operação “Saude mos Outubro”, das FAPLA.

A denominada Parede dos Heróis ocupa uma faixa de 75 metros de comprimento. As esculturas em bronze, ali postadas, simbolizam quatro momentos principais: homenagem aos militares das FAPLA, educação patriótica, guerra, destruição, o sofrimento do povo do Cuito Cuanavale, a firmeza e a determinação dos angolanos na vitória.

A imponente estrutura agrupa-se entre outro elemento: um conjunto escultórico na praça memorial, designadamente o Monumento dos soldados, Bandeira da República, Grupo escultórico e a Parede dos Heróis

Adjacente ao memorial está o Museu a céu aberto, onde se encontra exposto todo o material bélico usado pelas FAPLA durante os combates, com realce para os tanques de guerra BMP-1 e 2, peças de artilharia de 130, D-30 e 76 milímetros aviões de combate Mig-23 e 21, peças antiaérea ZU-23, metralhadoras do tipo PKM entre outro tipo de equipamentos militar usado durante a ofensiva das tropas governamentais.

No recinto foi ainda construído uma sala de conferências, para 600 pessoas, uma biblioteca, dois blocos reservados ao lazer e 25 casas protocolares do tipo T-3, para acomodação de turistas. O visitante pode, ainda, desfrutar das paisagens naturais que ilustram, com realidade, o cenário daquele combate, considerado dos maiores após a Segunda Guerra Mundial.

CARLOS PAULINO | EDIÇÕES NOVEMBRO

